

A ORDEM CARNAVALESCA

Maria Isaura Pereira de Queiroz (*)

RESUMO

A análise dos festejos carnavalescos realizada em cidades pequenas e médias do país mostrou que a desigualdade entre os indivíduos em nenhuma delas se apaga e também que a folia carnavalesca apresenta uma ordem específica para todas as atividades, separando nitidamente atores, espectadores e servidores. No espaço carnavalesco eles se mantêm separados, havendo também a divisão de atividades: atores e espectadores se entregam ao prazer, enquanto os servidores trabalham. Esta ordem carnavalesca não contraria a ordem habitual da sociedade existente; pelo contrário, baseia-se nela durante a festa, isto é, a divisão apontada se dá no interior das hierarquias sócio-econômicas vigentes.

Unitermos: Carnaval; festa; ordem; hierarquia; desordem.

Os diversos autores que estudam o carnaval falam em geral com ênfase de um período, numa sociedade dada, em que uma mesma emoção se apodera dos indivíduos, apagando as diferenças sócio-econômicas e étnicas do cotidiano. O conjunto de normas com as quais os cidadãos se conformam habitualmente parecem abolidas, ou decidiram estes então desobedecer. A ordem social deixaria de existir, então, a posição dos indivíduos de acordo com as separações correntes não seria mais determinável ou inteligível: idades se misturam, cores de pele deixam de dividir, os homens se vestem de mulher e as mulheres de homens, os cortes sócio-econômicos não são mais discerníveis.

Instalou-se a desordem; constata-se agora um estado de fato, sem ser possível captar relações definidas de qualquer tipo. E a desobediência às leis poderia até mesmo constituir o prelúdio de revoluções,

* Prof.^a Emérita do Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Depto. de Sociologia, FFLCH-USP

da anarquia. Não se conseguiria captar que forma de reunião seria específica a tal sociedade. Fala-se então de loucura coletiva, de um delírio que tomaria conta de todos os cidadãos. Tal é a imagem do período carnavalesco, de que o Brasil encerraria o melhor exemplo. A canção carnavalesca tradicional o celebra:

Vestiu uma camisa listrada e saiu por aí

.....
Tirou seu anel de doutor para não dar que falar

Apagam-se os sinais de classe, anulam-se as divisões étnicas, numa atmosfera de alegria que se instalou dominante, em contraste com a seriedade e as preocupações da existência cotidiana.

Todavia, a história do carnaval brasileiro através do tempo, a análise das escolas de samba e dos grandes bailes carnavalescos do Rio de Janeiro indicam o contrário: a desordem carnavalesca brasileira seria superficial; ela apenas tocaria de raspão as hierarquias sócio-econômicas e étnicas, sem as abalar e sequer de leve as apagar. Desse modo, sob a confusão aparente, as relações, as interdições, os preconceitos habituais do cotidiano se conservam.

Observou-se também que as atividades carnavalescas estudadas diferiam através do tempo, quando vilas e burgos coloniais se desenvolviam e passavam a cidades. No Brasil, por exemplo, o velho entrudo de origem portuguesa foi desaparecendo à medida que as pequenas cidades coloniais se tornavam cidades burguesas, sendo substituído pelo Grande Carnaval, realizado pela elite e pelas camadas médias, segundo se fazia em cidades da Europa, como Roma com seu já célebre "corso" de carruagens.(1)

Nas cidades latino-americanas a mesma transformação teve lugar, mas nos vilarejos de forte população indígena o "antruido" espanhol se conservou, profundamente infiltrado de traços culturais aborígenes. Estas transformações se operam todas na segunda metade do século XIX, e o curioso é que o mesmo sucedeu, na mesma época, nas grandes cidades da Península Ibérica — Lisboa, Porto, Madri. O carnaval burguês veio substituir as antigas formas de brincar durante os quatro dias do Reinado de Momo, mas os povoados conservaram seus folguedos.(2)

Porém, no decorrer do século XX, a Península Ibérica e suas grandes metrópoles viram se apagar o Grande Carnaval, persistindo apenas a forma do entrudo em algumas cidades pequenas e aldeias. Ao contrário, no Brasil o carnaval persistiu e se popularizou no sentido estrito

1 VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, Family and carnival during the 19th. Century in Brazil. *Society and Leisure*, Montreal (Canadá), v.I, n. 2, 1978.

2 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Evolução do carnaval latino-americano. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 32, n. 11, nov. 1980.

do termo, nesse mesmo período, isto é, espalhou-se por todos os níveis da população urbana, fosse qual fosse a envergadura da cidade, da elite às camadas inferiores; algumas das grandes cidades passaram a constituir a verdadeira sede dos festejos dos Dias Gordos, modelo para cidades menores.

Poder-se-ia perguntar se aqui, em cidades de médio e pequeno porte, não teria havido uma conservação de antigas formas carnavalescas ou o aparecimento de outras novas, especificamente de determinadas regiões ligadas às particularidades destas. Uma observação efetuada em diversas localidades, ora apontadas como dotadas de um carnaval excepcional, ora já tendo sido objeto de registro por conhecedores do assunto — Porto Seguro (Bahia); Tatuf (S.P.); S. João del Rei (Minas); Piracicaba (S.P.) (3) — poderia dar uma resposta preliminar a esta questão.

Características gerais foram então detectadas, que marcam a especificidade da festa carnavalesca. Em primeiro lugar, a festa não abrange toda a cidade; ela tem o seu *locus* particular em determinadas ruas, praças, avenidas, enquanto as demais estão calmas e silenciosas. Aliás, o afã carnavalesco também se localiza em fases do dia: os bailes (com exceção dos bailes infantis) são sempre à noite; o carnaval de rua ora tem lugar à noite, ora é durante o dia. Nos períodos em que não há atividade, as avenidas e praças se conservam como que adormecidas na tranquilidade que lhes é habitual.

Os bailes têm lugar em clubes; as entradas pagas impedem uma participação total dos habitantes. Também se observa sempre o limite de idade, o que impossibilita o ingresso de crianças e adolescentes, aos quais são reservados horários diurnos e vespertinos. Desta forma, os bailes se conservam como apanágios de certo nível de foliões, isto é,

3 As observações foram efetuadas nos carnavais de Porto Seguro (Bahia) fevereiro de 1977; Piracicaba (São Paulo), fevereiro de 1980; S. João del Rei (Minas Gerais), fevereiro/março de 1981; Tatuf (São Paulo), fevereiro de 1986. Características principais destas cidades em ordem demográfica crescente: Porto Seguro — cidadezinha baiana em vias de se tornar importante centro de veraneio principalmente para Minas Gerais. Região de recursos precários, provenientes da pesca, exploração de madeira, criação de gado. A cidade não tem mais que 5.000 habitantes. Muito importante do ponto de vista histórico, pois ali Pedro Álvares Cabral colocou seu marco, ao desembarcar em 1500. Tatuf — no interior do Estado de São Paulo, cidade tranqüila cuja economia se baseia na agricultura (cana-de-açúcar é óbvio, porém também arroz, milho, frutas), na criação de gado, apresentando também algumas indústrias (cerâmica, tecidos). Tem mais de 45.000 habitantes. Orgulha-se de possuir afamada escola de música. São João del Rei — cidade que se integra entre as famosas Cidades Históricas do Estado de Minas Gerais com suas igrejas barrocas e casas do século XVIII. Depois de um período amortecido, conheceu uma revivescência graças às minas de cassiterita, manganês e ouro em suas imediações. A indústria também se desenvolve em suas cercanias (estanho, laticínios, móveis, tecidos). Tem 54.000 habitantes. Piracicaba — cidade de 180.000 habitantes, na região industrializada do estado de São Paulo, destaca-se pelo seu aspecto abastado e moderno. Indústria e agricultura são a base de sua riqueza (indústrias metalúrgicas e siderúrgicas, usinas de cana). Dentro de seus respectivos estados S. João del Rei e Piracicaba ocupam posições semelhantes: são consideradas cidades importantes e ricas, embora não sendo as primeiras.

aqueles que podem arcar com as despesas de entrada e consumo; noutras palavras, pequena e média burguesia. A partir de Tatuí, pequena e média burguesia não se misturam mais, em geral, nos bailes das cidades observadas; a hierarquia habitual dos clubes persiste, operando o peeneiramento de participantes: clubes de operários, de pequena burguesia, de média burguesia.

O carnaval de rua é assistido em geral em arquibancadas especialmente construídas. Apenas em Porto Seguro e em Tatuí, isto é, nas duas cidades das que compõem a amostra, somente a calçada é destinada aos espectadores; aos foliões se reserva o leito das ruas. Nas cidades maiores — S. João del Rei, Piracicaba — uma corda impede a passagem de espectadores que, sem pagar ingresso, pretendessem subir às arquibancadas; também algumas ruas menores que o cortejo percorre têm seus leitos defendidos por cordas à beira das calçadas, para defesa dos foliões que desfilam. Esta defesa também existe em Tatuí, em todo o percurso dos grupos, isto é, na Praça da Matriz e nas duas ruas que a ela dão acesso. Na pequena Porto Seguro, nenhuma defesa; somente as fantasias delineiam os limites dos grupos que desfilam.

Há, pois, uma distinção nítida separando os participantes em dois grupos bem distintos; atores e espectadores. A linha que os divide pode ser tênue, como em Porto Seguro, ou pode se concretizar nas arquibancadas pagas; ela sempre existe. Em S. João del Rei e Piracicaba há ainda outra demarcação: as arquibancadas são construídas sem deixar vãos por onde olhares não-pagantes possam ver parcelas do espetáculo. Este fica destinado, pois, apenas a espectadores dotados de posses; o povaréu apenas pode ver o início e o fim do desfile, quando os cortejos se formam ou se desmembram, não tendo acesso à visão de conjunto com seu movimento e seu colorido. Nas cidades menores, esta especialização do público não existe; ocupam os melhores lugares aqueles que primeiro se colocam à beira das calçadas. No entanto, há uma tentativa de reserva: algumas famílias colocam ali cadeiras e bancos, ocupando-os com as crianças, com as tias idosas, com empregados, para que pater e mater-famílias possam comodamente alcançar uma imagem boa e completa do cortejo. Nada disto se observa na pequenina Porto Seguro, que nem tem cordas protegendo os desfilantes, nem lugares reservados nas calçadas; aqueles de seus 5.000 habitantes que desejem assistir aos modestos grupos que dançam pelas ruas principais, o fazem tranqüilamente, sem se acotovelar.

O carnaval de rua é sempre, pois, um desfile de grupos fantasiados, sob o patrocínio da prefeitura local, que pode dar ou não subvenções conforme prefeito e vereadores sejam mais ou menos carnavalescos. As denominações destes grupos variam pouco: cordões, blocos, ranchos. Sua descrição parece concordar com a que Câmara Cascudo(4)

4 CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro/MEC, 2ª ed., 1962. p.115. 2v.



Capa de partitura musical com ilustrações de Antonio PAIM Vieira.

dá para os blocos: indumentária uniforme, hino-marcha composto para o folguedo, algumas vezes um estandarte, sempre um conjunto de percussão, — grupos que são improvisados às vésperas do carnaval. Quando se tornam mais importantes em tamanho e recursos, passam a se chamar escolas de samba. Porto Seguro, cidadezinha pobre, não tem nenhuma escola de samba, somente alguns blocos. Tatuí que é bastante

maior e mais rica, tem duas escolas de samba, dois blocos e um cordão. Piracicaba, abastada cidade de porte médio, só tem escolas de samba, várias, grandes, ricas. Finalmente, S. João del Rei, bem menor que Piracicaba, apresenta uma variedade de grupos muito grande: blocos, ranchos, cordões, e principalmente uma quantidade de blocos de sujos, exclusivamente de rapazes que incansavelmente percorrem algumas avenidas da cidade, cantando e dançando a valer.

Interessante a comparação entre Piracicaba e S. João del Rei. Piracicaba é cidade de uma região muito industrializada do Estado de São Paulo, contrastando com S. João del Rei, que se encontra numa zona do Estado de Minas Gerais que não prima por grandes indústrias, mas apresenta longa tradição urbana. Piracicaba congrega hoje 180.000 habitantes, e S. João del Rei muito menos, chega a 54.000 apenas. Ambas têm fama de sede de animado carnaval.

No entanto, observando-se Piracicaba, um desaponto: o carnaval se reduz exclusivamente aos bailes nos clubes e aos desfiles de escolas de samba. Os cortejos são tanto de agremiação da cidade, no domingo e na terça-feira, quanto de grandes escolas de samba paulistanas — Vai-Vai, Camisa Verde e Branco, Rosa de Ouro, — as quais desfilam na segunda-feira. Afora essas atividades, a cidade vive a tranqüilidade de um fim de semana prolongado, com o ligeiro corte da Segunda-feira Gorda, em que muitas das casas comerciais se abrem e em que o funcionalismo público tem meio dia de expediente.

S. João del Rei sustenta bem sua fama de cidade carnavalesca. No sábado gordo, às 5 horas da madrugada, começa a folgança com o Bloco da Alvorada, dançando nas três artérias principais da cidade e acordando os ecos com o toque alvoroçado de uma charanga mandando aos ares velhas marchinhas e sambas: um grupo de foliões de pijama, de camisola de dormir, de "baby-dolls", saracoteia animado até quando o sol vai alto. À noite têm lugar os habituais desfiles de blocos e ranchos, modestos, compostos em grande parte por jovens sob a direção de alguns chefes mais velhos, com alas e destaques despreziosos. Porém o dia todo a cidade vibra com o samba constante de inúmeros Blocos de Sujos, exclusivamente de rapazes, ora fantasiados de mulher, ora simplesmente envergando calças e casacos pelo avesso, sempre indigentes e lamentáveis. Saindo das ruas centrais, onde se concentram cortejos e Blocos de Sujos, ocupando seus espaços específicos, numa ou noutra rua residencial abastada há batucada de jovens, sambando pelas esquinas, ao lado de seus autos e suas motocicletas cuidadosamente estacionados junto às calçadas; não se movimentam senão por perto de suas viaturas para não perdê-las de vista, e são contemplados por grupinhos de moças risonhas, que cantarolam dando alguns passos. Durante o dia a cidade retomaria seu aspecto cotidiano não fossem os Blocos de Sujos que incansavelmente percorrem as ruas consagradas como carnavalescas. Fora destas, reina pelo dia afora a maior quietude.

Uma outra característica separa os carnavais de Piracicaba e São João del Rei que apresentam melhores cortejos. Pequenos comerciantes, pequenos funcionários públicos, artesãos são os modestos organizadores dos blocos e ranchos que, no domingo e na terça-feira, compõem os desfiles de São João del Rei, angariam fundos junto às famílias de mais posses e contam com pequena contribuição da Municipalidade. As opulentas escolas de samba de Piracicaba, no entanto, provêm de fábricas e usinas da cidade e vizinhanças que em grande parte as custeiam. Os poderosos industriais e os ricos usineiros organizam cada qual a sua, ou então se juntam aos dois e três para criar uma que venha à rua com rebolado esplendor. Prêmios para a mais rica, para a mais original, para a que venha sambando com mais entusiasmo, sagram uma competição que não é apenas carnavalesca, mas significa também a rivalidade econômica dos grandes patrões, que é avivada ao nível dos operários, por constituírem eles, suas mulheres, suas filhas, os desfilantes. Esposas e prole dos patrões também desfilam, porém nas categorias de Comissão de Frente, de destaques, até mesmo de porta-estandartes e mestre sala.(5) Uma outra zona da cidade tem também *sua* escola de samba, que de modo algum pode competir com as que provêm de fábricas e usinas, embora desfilem no mesmo local. Mas não são encontrados em Piracicaba, Blocos de Sujos, nem mascarados solitários ou em grupos que perambulam por suas ruas.(6) Nos dias gordos, a cidade se mantém extremamente tranqüila, com exceção da avenida do desfile.

A riqueza parece separar estas cidades quanto à realização de seu carnaval. Em S. João del Rei, ele representaria ainda um esforço da população de menos posses para brincar nos dias de Momo, seguindo o modelo consagrado pelo Rio de Janeiro. Em Piracicaba, o carnaval é um instrumento de poder que grandes industriais e usineiros utilizam para demonstrar o esplendor e grandeza de suas posses. Estão dentro da tradição de "vamos às ruas divertir o povo", que era a dos grandes burgueses de fins do século XIX e incios do século XX.(7) Mas também esse mesmo instrumento assegura a lealdade dos assalariados... No entanto, S. João del Rei utiliza a mesma arma, embora de forma peculiar. Na segunda-feira de carnaval, depois de desfilarem os blocos e ranchos autóctones, uma batucada vivíssima e tonitruante anuncia a chegada de um cortejo diferente. Desemboca na avenida o Cordão

5 Os grandes industriais e usineiros piracicabanos, além de possuírem escolas de samba, têm também seus times de futebol ligados às empresas. Tudo isto reforça a adesão dos operários e suas famílias às mesmas, pois as defendem no carnaval e nos jogos esportivos.

6 Na verdade, a cidade de Piracicaba mostra extrema tranqüilidade durante os dias do reinado de Momo. Mesmo durante a noite a calma não é rompida. Somente na Av. Armando de Salles Oliveira, onde tem lugar o desfile, ou depois das 22 hs., no quarteirão do clube, o borbórinho e a música animam o ambiente. Quem não passar por esses locais, nem perceberá que o carnaval está ocorrendo.

7 Ver o excelente estudo de VON SIMSOM, Olga Rodrigues de Moraes — *A Burguesia se Diverte No Reinado de Momo: Sessenta Anos de Evolução Do Carnaval na Cidade de S. Paulo (1855-1915)*. São Paulo, 1984, (FFLCH/USP, Dissertação de Mestrado).

Encarnado: uma centena de pessoas fantasiadas de palhaços, de arlequins, de pierrôs, de colombinas, nas cores vermelho e branco, sambando com desembaraço e exaltação. Seguem no cortejo o modelo carioca das escolas de samba, comissão de frente, alas, porta-estandarte e mestre-sala, destaques, fisicamente bem constituídos, luxuosa e elegantemente trajados, dançando todo o ardor e requiebro de praxe seguidos por uma banda numerosa, cujo ritmo empolgante revela a competência dos executantes, pertenciam a um mundo outro.

Efetivamente membros das famílias mais ricas e conceituadas, que ali conservam suas casas por tradição, vêm à cidade brincar carnaval. Em outros tempos seus pais e avós haviam desfilado nas ruas de S. João del Rei, animando com sua alegria e as cores de suas fantasias a atmosfera mortífera da velha urbe. Habitando agora em Belo Horizonte ou no Rio de Janeiro, decidem muitos deles trazer de volta a beleza e o entusiasmo ao berço de seus maiores animando os Dias Gordos. Nesta cidade tradicional, fazem parte da herança cultural, são carinhosamente acolhidos e festejados; constituem um ponto alto da festa carnavalesca, opinião unânime dos espectadores.

Assim, enquanto em Piracicaba operários e funcionários de indústrias se encontram perfeitamente arregimentados nas escolas de samba dos patrões e, formando corpo com eles, participam com ardor da competição carnavalesca, em São João del Rei permanecem os cortes segundo as camadas sociais. Pequena, média e alta burguesia se exibem em ranchos e cordões, nitidamente separados, não se misturam, os operários e a arraia miúda das fábricas e das minas se divertem por sua vez, nos Blocos de Sujos. Os primeiros se empenham em sua competição; os últimos sambam porque gostam, porque isso os diverte, e é somente com eles que se encontra a espontaneidade carnavalesca. Porém eles não participam dos desfiles oficiais diante das arquibancadas, não entram no concurso. E o Cordão Encarnado também: é *hors concours*.

Os dois extremos da hierarquia sócio-econômica de S. João del Rei permanecem fora do certame patrocinado pela prefeitura local. A elite não concorre porque seria injusto medir o desempenho das agremiações comparando-as com uma que é considerada imbatível. Por sua vez os Blocos de Sujos não entrariam na competição porque sua pobreza não lhes permitiria nem mesmo uma esperança de vencer. Além disso, nem mesmo se cogita de estabelecer um concurso especial para os Blocos de Sujos, que avaliasse sua originalidade, seu desempenho, seu ritmo. Os variados níveis da classe média, responsáveis pela organização da festa, demonstram assim que nem mesmo tomam conhecimento de sua existência.

Por que S. João del Rei tem seus Blocos de Sujos, que inexistem em Piracicaba, cidade maior, com maior quantidade de indústrias, mais rica, e na qual é de crer que os desníveis de fortuna sejam maiores? A

falta total de outras atividades carnavalescas, em Piracicaba, que não sejam os bailes e os desfiles das escolas de samba faz pensar que o folguedo carnavalesco esteja ali ainda totalmente entre as mãos das classes médias, a tal ponto que as camadas mais baixas nem mesmo pensariam em vir às ruas se divertir como pudessem — como se observa em S. João del Rei. Talvez também a arregimentação dos assalariados pelos patrões das indústrias e das usinas concorra para que não se pense senão nesta maneira de comemorar o Tríduo Momo. Estas observações nada mais são do que conjecturas: o *survey* é um instrumento muito tosco para a apreensão da realidade em todas as suas facetas, seria necessário um estudo mais aprofundado para se poder visualizar melhor onde estariam os fatores da diferença constatada. Seja como for, S. João del Rei se mostrou, na ocasião do levantamento, uma cidade muito mais carnavalesca do que Piracicaba. Mas indubitavelmente os desfiles de Piracicaba foram de longe os mais ricos do que tudo que se observou.

Além de escolas de samba e de blocos, a cidade de Tatuf se orgulha de possuir um Cordão de Bichos, que desfila desde 1928. Organizado por um pequeno comerciante e seus parentes, é composto de figuras variadas em *papier-mâché*, girafas, ursos, elefantes, grandes sapos, grandes borboletas, cavalos, bois, cabeçorras e gigantes. Sua exibição abre o desfile; as investidas dos animais contra o público e a musiquinha de sua charanga lembram os antigos bumba-meu-boi.(8) É saudado com palmas, mas trata-se de uma reação de estima, não de verdadeiro entusiasmo. O entusiasmo vem mais tarde, com as escolas de samba e blocos, desencadeado pela rivalidade que existe entre os componentes de cada categoria. Pois o Cordão dos Bichos não entra na competição pelos prêmios outorgados pela Municipalidade: é *hors concours*. Na verdade, a continuidade do Cordão dos Bichos não é devida ao apreço dos habitantes de Tatuf e sim à revivescência do folclore paulista, incrementado a partir de iniciativas governamentais, tanto federais como estaduais, a partir dos anos 60; considerado pelas Comissões de Folclore e pelos integrantes das sucessivas Secretarias de Cultura como algo de único no Estado, o Cordão recebeu um estímulo mais valioso para a sua preservação do que a magra subvenção anualmente outorgada pelo Estado e pela prefeitura local.(9)

8 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura — O Bumba-meu-boi, manifestação de teatro popular no Brasil. In: *Campesinato Brasileiro*, Petrópolis, R. J., Ed. Vozes, 1976. p. 157.

9 Diz o organizador do Cordão dos Bichos que este constitui o ponto máximo das comemorações carnavalescas, desde sua fundação até os anos 60. A cidade atrai muita gente dos arredores, pequenos fazendeiros, roceiros, que vinham assistir sua exibição. Também tinha ele a maior facilidade para encontrar quem quisesse vestir as estranhas fantasias e desfilas pelas ruas centrais. Atualmente, precisa pagar aos participantes, pois ninguém mais se interessa pelos Bichos. Embora constituído como uma "sociedade" com diretoria, na verdade o Cordão dos Bichos vive graças a este organizador e a seu cunhado, que são respectivamente o diretor e o tesoureiro da sociedade...

Em todas estas cidades, observa-se, pois, a manutenção das hierarquias sócio-econômicas durante os folguedos carnavalescos, como aliás já havia sido constatado em estudos anteriores.(10)

Nos espaços urbanos destinados à festa, os locais ocupados pelas diversas camadas sociais estão sempre bem delimitados, a própria participação dos cortejos e a realização de outras atividades fora deles (como os Blocos de Sujos, em São João del Rei) obedecem às injunções oriundas da existência de camadas sociais. O que varia de cidade média para cidade pequena é a maior ou menor aproximação entre as camadas, que se inscreve até mesmo de maneira material; numa pequena cidade como Porto Seguro, a separação é menos evidente do que nas demais, atingindo as distinções seu ponto mais elevado nas cidades em que se constróem arquibancadas. O mesmo se observa nos bailes. A ampliação das cidades, resultante de sua maior ou menor riqueza econômica, assim como da maior ou menor riqueza da zona em que se encontra implantada, resulta numa população muito mais diferenciada quanto às atividades econômicas e às posições sociais, o que se reflete diretamente na ordem carnavalesca. Pois há sempre uma ordem carnavalesca subjacente aos folguedos, que é a ordem sócio-econômica local.

Um outro aspecto é ainda digno de nota: em nenhuma das cidades, nem mesmo na menor delas, a pequena Porto Seguro, a loucura momesca toma conta da totalidade urbana. Além de um espaço bem delimitado onde ocorre a folia, também uma parte importante da população nem mesmo participa como espectadora da festa carnavalesca: muitas famílias abastadas ou de média burguesia desdenham os folguedos: partem para suas fazendas, para seus sítios, ou para a capital a visitar parentes; outras de menos posses permanecem aproveitando os feriados para descanso. E na segunda-feira Gorda, a tendência, em todas as cidades médias e pequenas, é para comércio e funcionalismo trabalharem pelo menos meio período. A loucura coletiva não se apresenta tão fulminante quanto pretendem certos textos.

Deixando de lado os que fogem da festa nos Dias Gordos e atentando para os que se encontram gozando a alegria do Tríduo, verifica-se em todas as cidades observadas a instalação de uma ordem que não é mais a habitual e poderia ser chamada realmente "ordem carnavalesca": uma ordem separa nitidamente atores, espectadores e servidores.(11) Ela é tanto encontrada nos desfiles quanto nos bailes. Efe-

10 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Escolas de Samba do Rio de Janeiro ou a domesticação da massa urbana. In: *Ciência E Cultura*, São Paulo, v. 36, n. 6, 1984. Ver também, da mesma autora, *Carnaval português, carnaval brésilien: deux évolutions dans le temps*. In: *Le Carnaval, La Fête, et la Communication (Actes des Recontres Internationales de Nice)*, Nice (França), Ed. Serre, 1985. E ainda: *No Brasil, bailes de carnaval: espelho meu, espelho meu, haverá no mundo festa mais louca do que eu?* *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 38 nº 5, maio 1986.

11 Idem. Atores, espectadores, serviços na festa carnavalesca. In: *Cadernos Inintercom*, São Paulo, Ano 2, n. 5, jul. 1983.

tivamente, há sempre os que agem, os que olham e os que servem, seja qual for a envergadura e a complexidade da cidade encarada. O espaço carnavalesco é sempre dividido em duas partes, destinadas às duas categorias principais de participantes. Nas ruas, o desfile ocupa o meio fio, enquanto o público se comprime nas calçadas, onde é também edificada a arquibancada. Nos desfiles, os dançantes ocupam o meio do



A FAVELLA VAE ABAIXO

Samba-Chôro

LETRA e MUSICA de
J. B. SILVA (Sinhô)

Deposited in Portugal
SASSETTI & C.
Rua do Carmo 11 LISBOA

PREÇO: 25000

Capa de partitura musical com ilustrações de Antonio PAIM Vieira.

salão, os espectadores sentam-se às mesas em torno, ou em cadeiras encostadas às paredes. E os "servidores" circulam entre os espectadores.(12)

Estes últimos são os que estão "de serviço". Agentes de polícia nas ruas e nos bailes cumprem sua função de assegurar a ordem. Há todo um serviço de buffet nos bailes; barraquinhas e vendedores ambulantes com suas bugigangas, comestíveis e refrigerantes estão nas ruas. Não se misturam nem com os atores, nem com os espectadores, embora no mesmo espaço. Não "brincam carnaval"; trabalham, e muitas vezes muito mais intensamente do que no cotidiano. Seu papel é de grande importância, pois compõem uma infra-estrutura indispensável à realização dos folguedos. Mas, embora mergulhados numa atmosfera de entusiasmo e alegria, estão na verdade ganhando sua vida, isto é, suas preocupações são de ordem totalmente diversa.

Desta maneira, no espaço e no tempo carnavalescos, os comportamentos dos que ali estão reunidos se diferenciam conforme os papéis que desempenham. Atores e espectadores podem estar unidos pela comunhão da alegria carnavalesca; porém coexistem no mesmo espaço e tempo dos servidores, que estão fora da comunhão e que conservam ali mesmo as atividades de sua vida habitual. Assim, no espaço e no tempo carnavalescos os comportamentos dos que neles se acotovelam são diversos em qualidade e em grau. Em qualidade, porque os servidores, presos à labuta cotidiana estão fora da aura da emoção. Em grau porque o entusiasmo de atores e espectadores é de teor diverso. O folião que desfila carrega consigo a carga mais intensa da febre carnavalesca; os espectadores a apresentam em grau muito menor. Em que medida poder-se-ia falar em loucura carnavalesca coletiva?

Mikhail Bakhtine, em seu famoso estudo sobre Rabelais e o carnaval medieval afirma que

"o carnaval ignora qualquer distinção entre atores e espectadores. Ignora também o palco, mesmo quando embrionário... Os espectadores não assistem o carnaval, todos eles o vivem, porque por sua qualidade mesma, o carnaval é feito para o conjunto do povo. Durante todo o período carnavalesco, ninguém conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar, o carnaval não tem fronteiras espaciais. Enquanto dura a festa, só se pode viver conforme suas leis, isto é, conforme as leis da liberdade." (13)

12 Os termos *ator, espectador, servidor* são empregados em seu sentido habitual: ator, aquele que desempenha um papel qualquer numa peça de teatro, um filme de TV; espectador, aquele que olha uma representação teatral ou qualquer outra; servidor, aquele que está trabalhando para outrem.

13 BAKHTINE, Mikhail. *L'Oeuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris, Gallimard, 1970. p. 15. Os grifos são do autor.

A análise do carnaval numa metrópole como o Rio de Janeiro levará já a duvidar que estas informações lhe fossem aplicáveis.(14) Também não parecem aplicáveis ao carnaval das pequenas e médias cidades brasileiras agora analisadas. Mesmo em se tratando de uma cidade muito pequena como Porto Seguro, não é possível pretender que tenham os participantes penetrado, mesmo temporariamente, "no reino utópico da universalidade, da liberdade, da igualdade e da abundância". Entre os próprios atores, as distâncias sociais se conservam durante o período carnavalesco e também na própria organização dos folguedos. Quer se trate de Porto Seguro, quer se contemple o que se passa em cidades maiores ou até em metrópoles brasileiras, atores e espectadores continuam se diferenciando e "brincando" separadamente conforme a camada sócio-econômica a que pertencem. O espaço carnavalesco fica sempre dividido segundo estas mesmas hierarquias. Aliás, a própria calçada em que se comprimem aqueles espectadores que não têm meios para comprar ingressos não é indiferenciada. Ao contrário do que o primeiro golpe de vista parece sugerir os mais afortunados colocam seus bancos e cadeiras junto à beirada e conservam uma posição melhor para observar o desfile, o que corresponde em geral a uma posição sócio-econômica melhor.

Desta forma, as infra-estruturas sócio-econômicas e até mesmo políticas estão sempre dominando o comportamento dos indivíduos, durante a festa; podem não ser imediatamente visíveis mas ali estão presentes. Um alto funcionário, um político — o prefeito das cidades pequenas e médias, por exemplo — participa da festa enquanto espectador, convenientemente trajado, ocupando locais especiais como os palanques; ali também se encontram os juizes da competição entre os grupos carnavalescos. O carnaval não traz em seu bojo uma ordem diferente que venha a substituir a ordem habitual; esta não fica anulada, e o embasamento sobre o qual se edifica a ordem específica da festa, às vezes algo escondido por toda a construção das atividades do folguedo, mas agindo e orientando a este.

O carnaval tem sido sempre definido como uma festa em que se manifesta uma espécie de loucura coletiva, que se propagaria por uma forma de contágio mental, liberando tendências individuais habitualmente refreadas, que poderiam então se manifestar sem riscos, devido ao anonimato dos participantes; e isto porque os indivíduos se sentiriam a salvo na multidão, isto é, numa quantidade grande de semelhantes, todos agindo de maneira igual o que os libertaria dos limites da personalidade consciente. Loucura coletiva, anonimato na multidão, seriam explicações válidas para os exageros, os frenesins carnavalescos. Porém, nem o termo "loucura coletiva", nem o termo "multidão" parecem adequados para explicar o carnaval tal qual é analisado neste trabalho.

14 PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. — Escolas de Samba do Rio de Janeiro e a domesticação da massa urbana. In: *Cadernos*, São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, Série II, nº 1, 1985.

Mesmo definindo a multidão pela união voluntária, em comunhão momentânea, de uma qualidade de indivíduos heterogêneos — comunhão que produziria uma fusão mais ou menos durável de suas mentalidades e emoções, apagando temporariamente suas posições sociais cotidianas mas sem instituir nenhuma outra hierarquia —, a definição não seria válida, desde que o pesquisador se coloque numa perspectiva sociológica. A perspectiva sociológica se caracteriza pela busca de diferenças, de distinções, de limites que se traçam entre os grupos ou no interior dos grupos. Desde que adota esta posição, a análise revela na multidão carnavalesca a mesma ordem existente na sociedade vigente, à qual se sobrepõe uma outra ordem, esta propriamente carnavalesca. É a ordem carnavalesca se caracteriza entre atores, espectadores e servidores, agindo de maneira diversa durante a festa.

Nem mesmo os atores participam da festa perdidos numa grande coletividade homogênea que os tornasse anônimos; reúnem-se em grupos nitidamente diferenciados, cujas fantasias ou trajes, cujos cantos, cujas danças, preservam não mais uma identidade do indivíduo, e sim uma identidade grupal. O grupo, suas roupas, seus ritmos, demonstram justamente a vontade de *não se perder na multidão*; a constituição destes grupos é uma forma de reação contra o medo de um anonimato coletivo.

Os espectadores, por sua vez, também estão sempre agrupados, mas agora em grupos que são os mesmos da vida cotidiana: a família, a vizinhança, os amigos, pois é com eles que se vai assistir aos desfiles. Seria de admirar encontrar o público constituído por indivíduos soltos, que formassem o povo dos assistentes da festa. Dessa maneira, no meio da pretensa multidão anônima, toda a estrutura social do cotidiano está presente; povão que, em seus delírios de entusiasmo pela sua escola de samba, pode chegar a um estado quase alucinado de exaltação, mas não perde de vista seu grupo, que lhe dá então o mesmo firme apoio que dele espera no dia a dia; povão que só se entrega a total exaltação quando a *sua* escola de samba passa...

A ordem carnavalesca não contraria a ordem habitual da sociedade existente no Brasil, não lhe é oposta. Também não oferece embasamento para a construção de uma nova coletividade, fugitiva e ilusória, que seria rebelde, igualitária, fraterna. A ordem carnavalesca define posições e papéis sociais específicos, porém inteiramente dentro das hierarquias sócio-econômicas existentes, de acordo com as relações sociais básicas (das famílias, dos grupos de vizinhança, dos grupos de amigos, etc.) Nem revolucionária, nem destrutiva, a ordem carnavalesca se insere dentro da ordem do cotidiano.

Talvez nenhuma outra análise como a do carnaval em perspectiva sociológica ofereça melhor apoio para pôr em relevo a velha quizzília entre a abordagem sociológica e a psicológica. Porque a emoção carnavalesca existe, ela se apodera dos indivíduos (quando propensos...),

comanda-os, impele-os. E sob o império da emoção, todos se sentem fraternos e iguais. Mas trata-se de emoção somente... e emoção que permanece enquadrada pelos limites da realidade social existente. Nem mesmo durante o carnaval se opera a libertação em relação a estes limites.

Recebido em 12/8/91

ABSTRACT

The author tries to analyse the celebration of merrymaking and festivity that takes place in many cities in Brazil, attempting to characterize a specific order for all the activities, separating actors, spectators and servants. This order relative to Carnival is the same habitual social order.

Key-words: Carnival; feast; order hierarchy; disorder.